

1ª PARTE

HOMENAGENS

O TEATRO EM EDUARDO CAMPOS

Ricardo Guilherme²

Manuel Eduardo Pinheiro Campos (1923-2007), um nome e, pelo menos, três dimensões: o artista, o gestor e o intelectual. Em um só corpo, três personas: Eduardo Campos, Doutor Manuelito e Manuelito Eduardo. O primeiro gerando uma obra de contista, romancista e dramaturgo; o segundo gerindo instituições (Diários e Emissoras Associados, Academia Cearense de Letras, Secretaria da Cultura, Instituto Histórico do Ceará) e o terceiro gestando dissertações sociológicas e antropológicas em que ressalta um olhar sobre a história do cotidiano de Fortaleza no século XIX.

Desde a década de 1950, eis uma personalidade que transcende a si mesmo, incorporando multiplicidades. Além de fazer, fez com que sua geração fizesse e digeriu saberes que o antecederam, transformando-se, por conseguinte, nesse polígrafo de três elos que foram criando e recriando trajetórias de uma cartografia multidimensional da cearensidade. Sem a sua contribuição seminal, saberíamos bem menos quem fomos, quem somos, o que poderíamos ser ou o que podemos vir a ser.

Afora aquela fase inaugural quando nas décadas 1930/1940 Manuel Eduardo Pinheiro Campos atua como ator, locutor da Ceará Rádio Clube e encenador do Teatro-Escola Renato Viana, a maturidade de sua dramaturgia se inicia em “O Demônio e a Rosa”, texto publicado em 1948, encenado no Teatro José de Alencar pelo Grupo Teatro Universitário do Ceará a 25 de maio de 1950 e dirigido por Waldemar Garcia.

Com abordagem radicalmente psicológica das personagens, inclusive em uma técnica expositiva de viés freudiano, esta produção introduz a nossa literatura dramática no chamado movimento

2. Ator e produtor Teatral e membro da Academia Fortalezense de Letras.

modernista ao indiciar a influência de “Vestido de Noiva”, obra de Nelson Rodrigues posta em cena por Ziembinsky, no Rio de Janeiro/RJ, em dezembro de 1943. Na concepção rodrigueana há três planos: o da realidade, o da memória e o da alucinação. No plano real, ocorrem um atropelamento e os socorros prestados. Nos demais planos despontam imagens do inconsciente e do subconsciente da vítima, constituindo um acervo de impressões que estruturam a trama. Do mesmo modo “O Demônio e a Rosa”, ao revelar os impasses de Rolando, atormentado pela morte da esposa (Elga), investiga os prismas objetivo e subjetivo dos fatos expostos em três planos de ação. No primeiro, ouve-se a voz da consciência do protagonista. No segundo, aparecem os episódios objetivos, como a morte de Elga e o novo casamento de Rolando. No terceiro, surgem as conjecturas delirantes.

A partir desse drama o enfoque de Eduardo Campos passa a se caracterizar por conflitos introspectivos. Neste panorama se enquadram “A Máscara e a Face” (1957) e “Nós, as Testemunhas” (1958), encenações do Grupo Teatro-Escola do Ceará, sob a direção de Nadir Papi Saboya.

Em um ciclo temático seguinte destacam-se as peças “Os Deserdados” (1952, sobre os sem-terra), “O Morro do Ouro” (1963, sobre os favelados) “Rosa do Lagamar” (1964, sobre os sem-teto) e “A Donzela Desprezada” (1965, sobre a moral burguesa e a repercussão desta no subúrbio de Fortaleza), enredos que formam uma espécie de reportagem cênica, à guisa de denúncia sobre as contradições sócio-políticas que marginalizam as populações situadas nas periferias urbanas e no campo.

São decisivos para historiografia literária cearense os seus escritos. Tanto que sua morte constitui simbolicamente um marco: o fim do século XX. Naquele 19 de setembro de 2007 não morre apenas uma pessoa; morre uma tríade e com esta conclui-se um período alusivo à teatralidade no qual uma dramaturgia-repórter

predomina. Abrem-se, então, perspectivas para a consolidação de uma dramaturgia-poeta que suplanta a visão testemunhal do dramaturgo-repórter e enseja a criação de figuras não mais restritas à verossimilhança de seus universos vivenciais e às delimitações de uma específica circunscrição sociocultural. Com uma linguagem que articula referências multitemporais, esta contemporânea narrativa busca fazer com que o escritor teatral do século XXI possa desfrutar de arbitrariedade poética para inventar uma polifônica e polissêmica supra-realidade.

Faz-se, portanto, paradigmática, imprescindivelmente basilar, a escrita de Manuel Eduardo Pinheiro Campos, por seus instigantes teores e também por fomentar novas posturas ficcionais. Assim o tempo que é gerúndio, só passagem, somente travessia, tão-somente atravessamento, vai passando e traspassando a morte desse imortal, a nos assegurar que a sua arte ultrapassa todos os tempos.